

J. M. BARRAO OLEIRO

(Portugal)

Quatro peças da colecção de lucernas do Museu Machado de Castro, procedentes de «Conimbriga»

As ruínas do «oppidum» luso-romano de «Conimbriga» estão situadas em Condeixa-a-Velha na provincia da Beira Litoral, ao sul do Mondego e a 15 quilómetros de Coimbra.

Dessa vasta estação arqueológica, correspondente a um «oppidum» lusitano que deve ter sido ocupado na primeira metade do século II A. C., e que foi fortemente romanizado, não temos nenhum estudo monográfico publicado, embora alguns trabalhos dele ocupem (1). Reconhecendo a absoluta necessidade de elaborar-se um estudo monográfico de «Conimbriga», que incluísse o do espolio ali recolhido, iniciámos há pouco tempo a tarefa de inventariar todos os materiais arqueológicos encontrados nessa estação e depositados em vários museus.

Entre estes está o de Machado de Castro, de Coimbra, que guarda a maior parte das peças recolhidas naquele «oppidum» a que Plinio se refere («Naturalis Historia», IV, 113), e que o Itinerário menciona entre «Sellium» (Tomar) e «Aeminium» (Coimbra), na via de Olisipo a Bracara.

Se bem que só parcialmente excavadas, as ruínas de Conimbriga já revelaram um conjunto monumental de edificios, com enorme

(1) Veja-se, por exemplo, o artigo do Prof. VERGILIO CORREIA: "Las más recientes excavaciones romanas de interés en Portugal. La ciudad de Conimbriga"-in "Archivo Español de Arqueología", núm. 43, Abril-Junho de 1941.

riqueza de mosaicos, e forneceram a alguns museus portugueses importante espólio em pedra, metais, vidro e cerâmica, em parte ainda inédito.

Como avanço ao estudo monográfico a que nos referimos, e que é subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, vimos dar notícia de 4 peças da colecção de lucernas, com maior interesse arqueológico.

1) Lucerna de argila acinzentada, com resto de asa. Bico pequeno cordiforme, com depressão na base. Um orificio de enchimento. «Margo» com decoração de óvulos. No disco, que apresenta uma pequena fractura, vê-se um javali correndo para a esquerda (Lám. I, núm. 1).

Diâmetro: 63 milímetros. Forma: Dressel 27 ou Walters 100 101.

Século II.º

Na base ostenta a estampilha de LCAECSAE (Lucius Caecilius Saecularis). Como se sabe, são frequentes nas lucernas, a partir do século II os «tria nomina».

A esta lucerna se refere Leite de Vasconcelos, a páginas 233 do volume XXIV de «O Archeologo Portugues». Foi publicada, mas sem que se chamásse a atenção para o seu valor arqueológico, no «Boletim da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais» (2).

Walters, ao publicar a colecção do Museu Britânico (3) refere-se a várias lucernas com a estampilha deste mesmo fabricante.

E o caso dos exemplares núms. 1102, 1149, 1179, 1181, 1191, 1192, 1193 e 1507, que pertencem, respectivamente, às formas 99, 100, 101, Dressel 28, 101, 101, 101 e 95.

E curioso notar que cinco delas apresentam, no disco, animais, quer isolados, quer como elementos de uma composição.

Segundo Toutain (4) o nome deste fabricante é dos mais frequentes, aparecendo associado, algumas vezes, a determinados sinais: uma palma, un pé o um falo.

Ainda segundo o mesmo autor, ter-se-iam encontrado os seus produtos em Roma, na Italia Meridional, Sicilia, Sardenha e Narbonense.

(2) Núm. 52-53 "Ruínas de Conimbriga", fig. 61.

(3) "Catalogue of the Greek and Roman Lamps in the British Museum", Londres, 1914.

(4) "Lucerna" in "Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines" de Saglio e Daremberg.

Podemos, porém, acrescentar esta lista, não só com esta lucerna do Museu Machado de Castro, como com outra que figura nas colecções do Museu Arqueológico Nacional, de Madrid (5).

2) Lucerna de barro escuro com asa partida. Bico comprido e arredondado, com meias volutas. Um orifício de enchimento.

No disco, um pouco rebaixado, uma águia de frente, com as asas abertas (Lám. I, 2).

Diâmetro: 65 milímetros. Forma Walters 84/85.

Cronologicamente talvez se trate de um tipo de transição do século I.º para o II.º

Na base pode ver-se a estampilha de COPPIRES (C. Oppius Restitutus). O nome deste fabricante encontra-se com muita frequência, principalmente nas lucernas que podem classificar-se dentro dos grupos II.º e IV de Fink e, por vezes, aparece associado a certos sinais: pé, fôlha, coração e as letras A, N e O.

Do Museu Britânico cita Walters os seguintes exemplares: 473, 612, 684, 699, 784, 956, 993, 995, 1003, 1017 e 1045. As formas representadas naquele Museu são as seguintes: 64 (Dressel 8), 78 (Dressel 9), 81, 85 (Dressel 15/16), 95 e 96.

Os animais figuram, também, entre os seus motivos predilectos.

Na sua tentativa de distribuição geográfica dos produtos dos fabricantes de lucernas, Toutain (obra citada) diz que os de C. Oppius Restitutus se encontraram em Roma, toda a Italia, Sicilia, Sardenha, Narbonense e Africa.

Mas, também neste caso, se pode aumentar a lista.

Em Portugal, além desta que estudamos, temos noticia de outra que estava no Museu do Cenáculo, em Evora (6).

De Villafranca de los Barros, provincia de Badajoz, cita Mérida uma outra ornamentada com o asno de Sileno (7).

Em Mérida recolheram-se várias com a mesma marca (8).

(5) FRANCISCO ALVAREZ OSSORIO: "Lucernas o lámparas antiguas, de barro cocido, del Museo Arqueológico Nacional" in "Archivo Español de Arqueología", núm. 49, 1942, pág. 271; "C. I. L.", II, 4969, e XV, 6350.

(6) Veja-se a Memória núm. 88 da extinta Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1927, pág. 60.

(7) "Catálogo Monumental de España. Provincia de Badajoz". I, pág. 412, número 1773.

(8) VICENTE BARRANTES.—"Barros Emeritenses" in "Museo Español de Antigüedades", tomo VII, pág. 549, 1876.

Em Tarragona, na necrópole paleo-cristiã, encontrou-se uma outra (9).

No Museu Arqueológico de Cordova encontrei, em Maio de 1950, duas lucernas com a mesma marca. Ambas eram de forma 81 de Walters, mas diferiam quanto aos motivos decorativos: uma tinha uma roseta de oito pontas; a outra, ostentava no disco, uma cena pornográfica e assemelhava-se bastante, pela decoração, a uma lucerna da Museu da necrópole de Carmona. Como procedentes do Marrocos Espanhol conhecemos duas que foram descritas e publicadas por Pelayo Quintero (10).

A primeira está ornamentada com uma roseta de 19 pétalas, ao passo que a segunda ostenta, no disco, uma arvore e um quadrupede (talvez um veado).

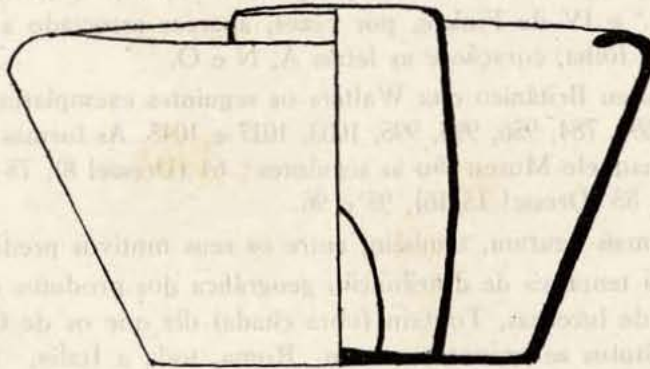


Fig. 1.^a—Lucerna circular de barro

3) Curiosa lucerna circular, de barro escuro, sem asas e sem bico.

Trata-se de uma espécie de escudela, de paredes obliquas, encurvando-se para o interior, na parte de cima.

Ao meio tem um corpo cilíndrico, e oco, na base do qual se abrem dois orifícios altos.

Diâmetro: 68 milímetros; altura, 45 milímetros. Trata-se de um exemplar raro e, por não termos dados para o fazer, não nos pronunciamos sobre a sua cronologia (fig. 1.^a).

(9) Ver a citada Memória núm. 88 e HUBNER, "C. I. L.", II, 4969, 41.

(10) "Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales", 1945, pág. 210-211, lám. XC e XCI, núms. 13 e 19.

Por um estudo do malogrado arqueólogo Rui de Serpa Pinto, tínhamos noticia de uma lâmpada que apresenta algumas semelhanças com esta. Difere quanto ao facto de possuir asa e uma forma externa diferente, mas assemelha-se pelo que diz respeito ao bocal para a mecha (com três janelas em vez de duas) e à reentrancia da parte superior das paredes, destinada a evitar que o combustível se derramasse.

Cita, ainda, este autor duas lâmpadas inéditas de Alvarelhos e do Castello de Guifões, respectivamente nos Museus Antropológico e Municipal do Porto, que pouco difeririam da do Museu Martins Sarmiento, procedente de Eiriz (Paços de Ferreira).

Como não as vimos, não sabemos se serão do mesmo tipo da do Museu Machado de Castro, ou se esta será exemplar único em Portugal (11).

4) Fragmento de molde para a fabricação de lucernas, em argila.

Numa das faces apresenta uma profunda depressão circular; na outra face vemos a parte correspondente ao «margo» e disco. Nesta, uma série de círculos e pequenos orifícios, rodeia uma roseta saliente de 15 gomos, havendo uma pequena depressão circular que separa o motivo decorativo do seu enquadramento (Lám. I, números 3 y 4).

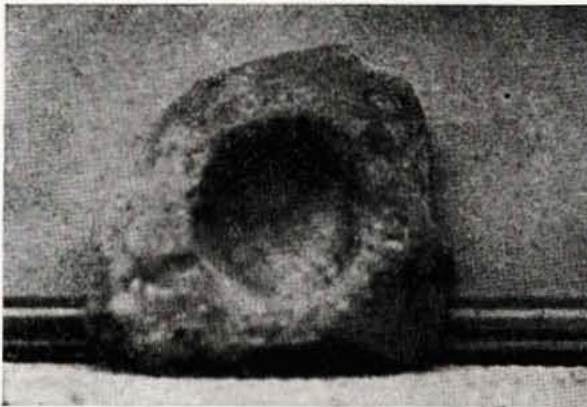
Não sabemos se se terá encontrado outro molde no País, mas isso não tiraria importancia a este exemplar, pois prova-nos que em Conimbriga se fabricaram lucernas. Pena é que não tenhamos dados nenhuns sobre as condições e circunstancias em que se verificou este achado.

(11) RUI DE SERPA PINTO: "Museu de Martins Sarmiento. VI. Lucernas" in "Revista de Guimaraes", XXXIX, 3-4, 1929.

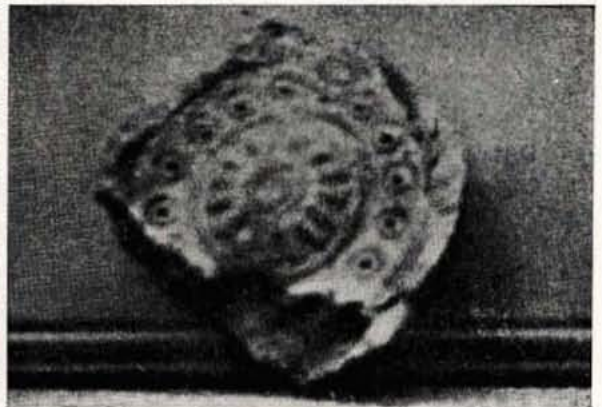


1

2



3



4

Lucernas procedentes de “Conimbriga”